

Musealização x Museificação: perspectivas, análises e articulações.

Danúbia Ferreira Silva

Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

O conceito de musealização e a construção de uma teoria museológica estão tensionados entre conhecimento de cultura como guia para o trabalho prático no museu ou como uma forma de conhecer o mundo a partir da experiência museológica. A partir desse entendimento, analisamos o conceito de musealização dentro e fora do campo, operando no nível teórico com a indistinção entre eles já que expressam o mesmo sentido social – transformar as coisas em documentos da cultura (bens culturais) – com o objetivo de habilitar os conceitos externos (museificação, patrimonialização) para uma epistemologia da museologia e sugerimos o termo disposição museo-lógica como articulador dos conceitos internos e externos ao campo, a fim de colaborar na busca da Teoria Museológica por sua forma distinta de olhar a cultura estabelecendo uma análise/crítica.

Palavras-chave: Musealização. Museificação. Patrimonialização. Epistemologia.

ABSTRACT

The concept of musealization and the construction of a museological theory are strung between knowledge of culture as a guide for practical work in the museum or as a way of knowing the world from the museum experience. From this understanding, we analyze the concept of musealization inside and outside the field, operating at the theoretical level with the indistinction between them since they express the same social meaning - turn things into documents of culture (cultural assets) – in order to enable external concepts (museification, patrimonialization) for an epistemology of



museology and we suggest the term museo-logical disposition as an articulator of internal and external concepts to the field, so that we may collaborate in the search of the Museological Theory in its distinct form of looking at culture establishing a critical/analysis.

Keywords: Musealization. Museification. Patrimonialization. Epistemology.

INTRODUÇÃO

A construção de uma teoria museológica caminha entre conhecimento de cultura como guia para o trabalho prático no museu e o conhecimento de cultura como uma forma de conhecer o mundo a partir de uma experiência museológica. O conceito de musealização está tensionado entre esses dois pólos.

O conceito de Musealização vem sendo considerado o conceito chave do campo da museologia, e apontado como objeto da museologia, por permear o campo museal (prática) e o campo museológico (disciplina), sendo o ponto de partida utilizado para estabelecer articulações teóricas para apontar um caminho epistemológico.

De acordo com o Conceitos-Chave da Museologia a musealização

designa o tornar-se museu ou, de maneira mais geral, a transformação de um centro de vida, que pode ser um centro de atividade humana ou um sítio natural, em algum tipo de museu. A expressão “patrimonialização descreve melhor, sem dúvida, este princípio, que repousa essencialmente sobre a ideia de preservação de um objeto ou de um lugar, mas que não se aplica ao conjunto do processo museológico. O neologismo “museificação” traduz a ideia pejorativa da “petrificação” (ou mumificação) de um lugar vivo, que pode resultar de um processo e que encontramos em diversas críticas ligadas à ideia de “musealização do mundo”. (DESVALLÉES, 2013, p.56-57).

Para Jeudy, a patrimonialização que homogeneiza, criando espaços urbanos padronizados, é uma *museificação* urbana em escala global, que petrifica. Para o autor, o museu evita o esquecimento e recupera a aparência de ordem simbólica. Mas esse valor simbólico se confunde ao valor de mercado, criando um dilema da gestão contemporânea do patrimônio: se o patrimônio não possui um estatuto, ele se torna mercadoria como os outros (bens culturais) e perde seu valor simbólico. É necessário excluir o patrimônio do circuito mercadológico para salvar seu valor simbólico, mas como fazer isso se não existe desenvolvimento cultural sem comercialização?



Em complemento a isso, utilizando os conceitos presentes no *Elogio da Profanação* de Agambem (2005), onde segundo o autor a *museificação está relacionada* à impossibilidade de usar, e o uso tem sempre relação com o inapropriável, referindo-se a coisas enquanto não podem se tornar objeto de posse e consumo como impossibilidade do uso, que destrói necessariamente a coisa. No ato do seu exercício o consumo sempre é já passado ou futuro e, como tal, não se pode dizer que exista naturalmente, mas apenas na memória ou na expectativa. Portanto, ele não pode ter sido a não ser no instante do seu desaparecimento.

O conceito de Jeudy explica melhor musealização, mas que não se aplica ao conjunto do processo museológico, que seria um processo científico que dá conta do conjunto das atividades do museu (preservação, pesquisa e comunicação). Esse ato leva à produção de uma imagem que substitui a realidade a partir da qual os objetos foram selecionados. Esse substituto complexo construído no museu constitui a musealidade como um valor específico que emana das coisas musealizadas. O ato da musealização desvia o museu da perspectiva do templo para inscrevê-lo em um processo que o aproxima do laboratório (Conceitos-Chave da Museologia, 2013).

Ainda no campo da Museologia, o conceito de Fato Museal

relação profunda entre o homem (sujeito conhecedor) e o objeto (parte da realidade sobre o qual o homem igualmente atua e pode agir); essa relação comporta vários níveis de consciência, e o homem pode apreender o objeto por intermédio de seus sentidos: visão, audição, tato, etc. Essa relação supõe em primeiro lugar e etimologicamente falando, que o homem admira o objeto. (Rússio,1981).

Musealização é um conceito interno, que tem valor positivo para o campo e é voltado para o trabalho prático no museu. Já Museificação é um conceito externo, visto negativamente pelo campo e é voltado para a epistemologia. Mas apesar de representarem o mesmo entendimento, ambos se referem à transformação de coisas em documentos da cultura (bens culturais) (JESUS, 2019), são conceitos que afetam o campo de maneiras diferentes.

De um ponto de vista mais estritamente museológico, a musealização é a operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal – isto é, transformando-a em *musealium* ou *musealia*, em um “objeto de museu” que se integre no campo museal. (DESVALLÉES,2013, p.57).



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRÁSILIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Sustentar uma diferença entre Musealização e Museificação – e Patrimonialização –, é ignorar que ambas produzem o mesmo efeito social, e que estão ligadas ao dever de memória e a experiência de cultura.



Um conceito a ser utilizado como ponto de partida para estabelecer articulações teóricas, permeando teoria e prática, e para apontar um caminho epistemológico é o conceito de disposição museo-lógica. A museo-lógica é um aparato proteiforme (sendo o museu uma de suas formas mais conhecidas) que agrega mecanismos produtores de disposições físicas subjetivas de arquivo – e que se confundem, no mais das vezes, com aquilo que recebe a rubrica, entre nós, de bens culturais (JESUS, 2017). Para o autor é necessário um deslocamento de um ponto de vista que esclareça a qualidade museológica atribuída a algo, para outro que exponha a disposição museo-lógica que o acomete.

O autor aponta para a reflexão sobre os modos que essa disposição afeta o pensamento a partir de:

- uma teoria sobre a experiência e o arquivo – considerando a con-fusão entre o dispositivo e a vida em nossa época;
- da produção de uma nova linguagem que defina a experiência de sagrado na produção de documentos da cultura – teoria sobre a indisponibilidade das coisas;



· e de uma crítica sobre os efeitos da disposição museo-lógica em contextos pós-coloniais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário entender que o museu não é o local onde ocorre a troca museológica, mas a própria troca em si. O conceito de fato museal de Waldisa sugere um querer epistemológico na museologia ao utilizar sujeito e objeto como duas polaridades, mas seguir na construção de uma teoria museológica só será possível se pensarmos os processos de inflação da memória sem excluir a nossa coparticipação nesses processos enquanto críticos, mas avançar nessa epistemologia só será possível se desfizemos os afetos que entrelaçam a teoria museológica ao museu (instituição), através de uma ideia de crítica que permita articular prática e teoria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François; SOARES, Bruno Brulon; CURY, Marília Xavier. Conceitos-chave de Museologia. [S.l: s.n.], 2013.
- MUSEOLÓGICAS PODCAST: Jeudy contra o espelho – Parte 1 – Alexandro de Jesus: A maquinaria patrimonial. [S. l.] Soundcloud, 23 mai. 2019. Podcast. Disponível em: <https://soundcloud.com/user-594324043/jeudy-contra-o-espelho-parte-1-alexandro-de-jesus-a-maquinaria-patrimonial>. Acesso em: 24 ago. 2015.
- JESUS, A. S. ; HEITOR, G. K. ; CHAGAS, M. S. ; SANTOS, M. S. ; DINIZ, C. . Gilberto Freyre e a disposição museo-lógica. In: Gleyce Kelly Heitor; Mário Chagas. (Org.). O pensamento museológico de Gilberto Freyre. 1ed.Recife: Massananga, 2017, v. 220, p. 155-172.
- AGAMBEN, Giorgio. Elogio da profanação. In: _____. Profanações. São Paulo: Boitempo, 2005.
- JEUDY, Henri Pierre. Espelho das cidades. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- RÚSSIO GUARNIERI, Waldisa. A interdisciplinaridade em Museologia (1981). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). WaldisaRússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. V.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é um conceito? In: _____. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

